

Aquiles comenta o novo álbum do Pife Moderno

PÁGINA 6



Mais recorde nacional para 'Ainda Estou Aqui'

PÁGINA 4



Francis Hime e Simone juntos em samba inédito

PÁGINA 5



## 2º CADERNO

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

# A

ntes de celebrar o amor romântico e a paixão literária ao agradecer o drama norueguês "Dreams (Sex Love)", do diretor Dag Johan Haugerud, com o Urso de Ouro, no último sábado, a Berlinale 2025 consagrou os bons ventos que

impulsionam o cinema brasileiro ao triunfo popular (e ao afago mundial) ao contemplar "O Último Azul", do pernambucano Gabriel Mascaro, com o Grande Prêmio do Júri. É a segunda láurea em ordem de importância no rol de troféus do festival alemão, que ainda teve um prêmio de Melhor Roteiro a oferecer a uma produção Brasil x Romênia: "Kontinental '25", de Radu Jude. Seu produtor, Rodrigo Teixeira, pode levar o Oscar por "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles.

Falava-se do blockbuster de Wálinho, com Fernanda Torres, cada vez que a criatividade sem freios do longa de Mascaro era louvada, sobretudo no desempenho (colossal) da atriz Denise Weinberg numa Amazônia assombrada pelo etarismo. Conhecido antes por "Boi Neon" (2015) e por "Divino Amor" (2019), o realizador vindo de Pernambuco impressionou a Europa ao criar um mundo distópico perfumado de realismo mágico. Pelo jorro imaginativo e pela destreza da realização, ele conquistou ainda o Prêmio do Júri Ecumênico (um agrupamento interessado em histórias de fé e solidariedade) e a láurea do Público Leitor do jornal "Berliner Morgenpost". "Quem tem curiosidade pela vida quer voar", disse Denise, sua estrela, ao Correio da Manhã, ao analisar sua personagem, Tereza.

No enredo desse river movie filmado por Mascaro, o governo brasileiro passa a transfere-



Rodrigo Santoro e Denise Weinberg com o Grande Prêmio do Júri do Festival de Berlim

# Antes do Oscar, o Grande Prêmio da Berlinale

'O Último Azul', de Gabriel Mascaro, leva o segundo troféu de maior relevo do festival, que consagrou filme romeno-brasileiro, antes de dar o Urso de Ouro à Noruega

rir idosos para uma colônia habitacional para eles "desfrutarem" seus últimos anos de vida em isolamento. Antes de seu exílio compulsório, Tereza, aos 77 anos, embarca em uma

jornada para realizar seu último desejo: ter dignidade... para com ela ser livre. Para isso, vai se enfiar numa jornada fluvial com direito a um barqueiro de coração partido (Rodri-

go Santoro) e uma vendedora de bíblias digitais (a cubana Miriam Socorrás).

"Tentei romper com a mitologia dos ritos de passagem, retratando uma possibilidade de libertação para corpos que, já idosos, são tratados como dissidência pela sociedade", disse Mascaro ao Correio. "Quando meu avô morreu, minha avó, com 80 anos, começou a pintar loucamente, cheia de força. Foi uma inspiração singular. Trazer para a Berlinale um filme cheio de escuta e de respeito pela realidade amazônica - construído com cerca de 20 atores de lá, com uma equipe cheia de profissionais de lá - foi uma forma de celebrar o Brasil". **Continua na página seguinte**

Divulgação

# Waltinho celebra o momento do cinema nacional



**N**um comunicado à imprensa, enviado por sua assessoria, Walter Salles, hoje rumo ao Oscar com “Ainda Estou Aqui”, aclamou Mascaro: “O Grande Prêmio outorgado pelo Festival de Berlim a ‘O Último Azul’ é um reconhecimento do incrível talento de Gabriel e dos nossos atores e técnicos. A continuidade é fundamental para enraizar uma cinematografia, é isso que Gabriel Mascaro nos ofereceu hoje”, disse Waltinho.

Houve alegria para o audiovisual verde e amarelo ainda noutra latitude de Berlim. Na sexta, “Hora Do Recreio”, de Lucia Murat, ganhou a menção honrosa do júri da mostra Generation, cujo olhar se volta para a infância e a adolescência. Trata-se de uma aula nota 10 de estrutura dramática. Murat retrata a reação de uma série de estudantes a uma pesquisa com professores da rede pública. Os jovens documentados discutem temas como evasão escolar, racismo, tráfico de drogas, bala perdida, feminicídio e gravidez precoce, além de performarem uma peça de teatro baseada no livro “Clara dos Anjos”. Houve outra menção pra gente, pelo curta “Atardecer en América”, de Matías Rojas Valencia, uma coprodução com o Chile.

Quem presidiu as escolhas das produções vencedoras da competição principal foi o realizador americano Todd Haynes), ícone da produção indie e queer dos EUA. Seu colegiado de juradas e jurados foi composto



Guillermo Gaza/Divulgação

Tereza  
(Denise  
Weinberg)  
vive aventura  
ao lado do  
barqueiro  
vivido por  
Rodrigo  
Santoro

por três cineastas (a alemã Maria Schrader, que também é atriz; o marroquino Nabil Ayouch; e o argentino Rodrigo Moreno); a figurinista Bina Daigeler, egressa de Munique; a crítica de cinema Amy Nicholson, do “Los Angeles Times”; e a estrela chinesa Fan Bingbing. Essa confraria de artistas embarcou na torrente lírica norueguesa do dulcíssimo “Dreams (Sex Love)”, de Dag Johan Haugerud. Deram-lhe o Urso dourado pela habilidade com que Dag cartografa vivências amorosas no alvorecer da vida adulta, sendo hábil ainda para retratar angústias parentais (da mãe e da avó da protagonista). O filme é parte de uma trilogia (composta por “Sex” e “Love”, ambos de 2024) dedicada a entender modos de amar, de gozar e de temer o querer. A trama ensaia uma ode

à literatura ao narrar o processo de escrita de uma estudante adolescente no registro (em prosa) de suas fantasias sentimentais por uma mulher mais velha. As duas fazem crochê, papeiam e delimitam fronteiras que nem sempre a sociedade entender – ou respeita. “Escrever é uma forma de reinventar o que foi vivido, inclusive o primeiro amor, que é sempre uma experiência dura”, disse Dag ao Correio.

Haynes e sua turma inauguraram seus trabalhos atribuindo a láurea de Contribuição Artística à produção francesa “La Tour De Glace”, de Lucile Hadâ, ihalilovic, no qual uma órfã acompanha a criação de uma fábula numa filmagem.

“O cinema está se desdobrando por muitas telas, entre as quais a dos strea-

mings, e oferece a espaços como o dos festivais a chance de discutir uma transdisciplinaridade entre a prosa literária e a imagem filmada, sempre nas raias da imaginação”, disse Lucile, em entrevista ao Correio antes da filmagem desse soturno (e gelado) conto de fadas com Marion Cotillard.

Na sequência, Haynes e sua patota premiaram a dramaturgia do já citado “Kontinental ‘25”, uma comédia escrita e pilotada pelo romeno Radu Jude (de “Má Sorte No Sexo Ou Pornô Acidental”, o Urso de Ouro de 2021). Esse exercício de geopolítica foi delineado com o apoio da RT Features, de Rodrigo Teixeira. Seu enredo se passa na região de Cluj, na Transilvânia. Em seu enredo, um sem-teto comete suicídio depois de ser expulso de seu

Divulgação



**Denise Weinberg em 'O Último Azul', de Gabriel Mascaro, uma ficção distópica ambientada num Brasil etarista que decide deportar sua população idosa para uma colônia amazônica**

abrigo no porão de uma casa. Orsolya, a oficial de justiça que executou o despejo, é impelida a fazer várias tentativas para lidar com seus sentimentos de culpa pela morte do sujeito.

“A poesia que pode existir no cinema que eu faço vem do choque entre a ficção e o documentário numa espécie de retorno aos irmãos Lumière (os inventores da linguagem cinematográfica, inaugurada por eles em 1895). Rodei este longa com um smartphone e me pergunto o que os Lumière filmariam com um celular”, disse Jude ao Correio na Berlinale. “É curioso um cara como um Rodrigo vir lá do Brasil para apostar em mim”.

Teixeira esteve com ele no festival. “Ele é um diretor que admiro e que tem um trabalho espetacular”, disse o produtor. “O cineasta brasileiro Gustavo Vinagre, a quem eu acabo de produzir, falou muito do Jude pra mim, no último Festival de Berlim. Eu já havia conhecido ele antes e resolvi procurá-lo. Aí ele trouxe essa ideia”.

Ao decidir que concorrente levaria o Prêmio do Júri, Haynes e sua confraria louvaram a força da Argentina em tempos de Javier Milei, consagrando “El Mensaje”, de Iván Fund. Fotografado em preto e branco, o longa assume como personagem central uma criança em fase de dentes de leite com a capacidade de se comunicar com bichos, inclusive aqueles que estão na fronteira entre a vida e a morte. Um dos tutores da menina, Roger (papel de Marcelo Subiotto, do premiado “Puan”) cuida dela como um tesouro, por razões sentimentais e profissionais. Roger agencia as consultas que a guria dá para quem anseia por contato com finados animaizinhos. “Como somos obstinados, nós, argenti-

Guilherme Garza/Divulgação



Divulgação



**'Dream' recebeu o Urso de Ouro do Festival de Berlim pela habilidade com que seu diretor, o norueguês Dag Johan Haugerud, cartografa vivências amorosas no alvorecer da vida adulta**

nos vamos seguir fazendo cinema, mesmo frustrados com a política de hoje”, disse Fund ao Correio. “Temos manhas”.

Na premiação das melhores interpretações, Haynes e cia. coroaram o desempenho de Andrew Scott na dramédia “Blue Moon” com o troféu de Melhor Coadjuvante. Ele vive um mito do teatro estadunidense, o compositor Richard Rodgers (1902-1979), um deus da Broadway. O prêmio de atuação protagonista coube à esplendorosa composição de Rose Byrne em “If I Had Legs I Would Kick You”, sobre uma terapeuta em conflito na maternidade.

Julgado por um júri paralelo, que incluiu a diretora mineira Petra Costa, o prêmio de Melhor Documentário da Berlinale ficou com “Holding Liat”, de Bran-

don Kramer. O filme é uma eletrizante análise observacional do paiol de pólvora que o Oriente Médio pode ser. Seu foco é o sofrimento de uma família com quem tinham uma conexão prévia. Depois que a guia de turismo Liat Beinín Atzili foi rapta, em Kibbutz Nir Oz, em 7 de outubro de 2023, seus parentes – os israelenses e os americanos – enfrentam uma fase de horror, com medo de que ela seja assassinada. Seus entes queridos se unem para lutar pela sua libertação e pelo futuro de um projeto político de nação. “Numa situação de terror, a incerteza traz algo de tóxico para quem espera respostas”, disse Kramer ao Correio.

Terminada a Berlinale, o circuito dos grandes festivais segue com Cannes, que realiza sua 78ª edição de 13 a 24 de maio.

## OS PREMIADOS DA BERLINALE

**URSO DE OURO:** “Dreams (Sex Love)”, de Dag Johan Haugerud (Noruega)

**GRANDE PRÊMIO DO JÚRI:** “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro (Brasil)

**PRÊMIO DO JÚRI:** “El Mensaje”, de Iván Fund (Argentina)

**MELHOR DOCUMENTÁRIO:** “El Mensaje”, de Iván Fund (Argentina)

**PRÊMIO PERSPECTIVES:** “El Mensaje”, de Iván Fund (Argentina)

**CURTA-METRAGEM:** “Lloyd Wong, Unfinished”, de Lesley Loski Chan (Canadá)

**PRÊMIO ESPECIAL DE CURTA:** “Ordinary Life”, de Yoriko Mizushiri (Japão)

**DIREÇÃO:** Huo Mong (“Living The Land”)

**MELHOR INTERPRETAÇÃO EM PAPEL PRINCIPAL:** Rose Byrne (“If I Had Legs I Would Kick You”)

**MELHOR INTERPRETAÇÃO EM PAPEL COADJUVANTE:** Andrew Scott, em “Blue Moon”

**ROTEIRO:** Radu Jude por “Kontinental ‘25”

**PRÊMIO DA ANISTIA INTERNACIONAL:** “The Moelln Letters”, de Martina Priessner (Alemanha)

**PRÊMIO DA CRÍTICA:** “Dreams (Sex Love)”, de a Dag Johan Haugerud (Noruega)

**TEDDY:** “Lesbian Space Princess”, de Emma Hough Hobbs e Leela Varghes

**PRÊMIO DO JÚRI ECUMÊNICO:** “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro (Brasil)

# 'Ainda Estou Aqui' supera 'Minha Mãe É uma Peça 3' e chega a mais cidades do país

Alile Dara Onawale/Divulgação

Por **Marina Pinhoni, Natália Santos e Leonardo Sanchez**  
(Folhapress)

“**A**inda Estou Aqui” é o filme nacional que chegou ao maior número de cidades do Brasil nos últimos sete anos. O indicado ao Oscar desbancou “Minha Mãe É uma Peça 3”, protagonizado por Paulo Gustavo, que estava à frente em números absolutos. A produção de Walter Salles foi exibida em 420 das 439 cidades com salas de cinema do país, enquanto a comédia alcançou 416 das 425 em atividade no período do lançamento, em 2019. Em seguida, aparecem no ranking de capilaridade “Nosso Lar 2”, com 414 cidades, “O Auto da Compadecida 2”, com 409, e “Mamonas Assassinas: O Filme”, com 406.

De forma proporcional, “Ainda Estou Aqui” perde ligeiramente para “Minha Mãe É uma Peça 3”, porque na época havia menos cidades com salas de cinemas. O alcance foi de 96%, no caso do drama de Walter Salles, e 98%, no caso da comédia.

A análise da reportagem considera dados nacionais de bilheteria da Ancine, a Agência Nacional de Cinema, no período de 1º de janeiro de 2018, quando a série inicia, a 16 de fevereiro de 2025. A quantidade de cidades pode sofrer alterações com o avanço dos dias.

Com público acumulado de mais de 5 milhões de espectadores e arrecadação de quase R\$ 100 milhões, “Ainda Estou Aqui” é o quinto filme nacional a levar mais público aos cinemas nos últimos sete anos. À frente estão as comédias estreladas por Paulo Gustavo e



Fernanda Torres em cena de ‘Ainda Estou Aqui’

## FILMES BRASILEIROS COM MAIS EXIBIÇÕES E AUDIÊNCIA DESDE 2018

Fonte: Ancine

Filme	Exibições	Público	Sessões
Ainda Estou Aqui	420	4.893.109	106.841
Minha Mãe é uma Peça 3	416	11.376.931	187.776
Nosso Lar 2 - Os Mensageiros	414	1.615.208	56.307
O Auto da Compadecida 2	409	4.191.896	97.401
Mamonas Assassinas: O Filme	406	863.610	42.460
Os Faraóes 2	402	1.879.475	67.220
Minha Irmã e Eu	392	2.286.888	73.728
Chico Bento e a Golabelra Maravilhosa	379	910.879	39.978
Minha Vida em Marte	378	5.283.211	100.949
Os Aventureiros - A Origem	361	418.678	27.170

os filmes religiosos “Nada a Perder” e “Nada a Perder 2”, que contam a história do bispo evangélico Edir Macedo. Apesar de mais espectadores, “Nada a Perder 2” teve menos sessões, 53.044, que “Ainda Estou Aqui”, com 106.841. Reportagens à época do lançamento relatavam que muitas das salas com ingressos esgotados tinham assentos vazios, reflexo de doações de bilhetes feitas por igrejas.

Com estreia comercial em 7 de novembro, o filme de Walter Salles registrou pico de público na semana entre 18 e 24 de novembro, com 714 mil espectadores. A média semanal caiu nas semanas seguintes, mas voltou a subir na semana que sucedeu o Globo de Ouro, quando Fernanda Torres venceu o prêmio de melhor atriz de drama.

Depois do anúncio de que o longa brasileiro estava indicado a

três categorias do Oscar, melhor filme, atriz e filme internacional, houve novo pico, com mais de 400 mil espectadores. Para além dos empurrões garantidos pelos prêmios desde que o filme fez sua estreia no Festival de Veneza, em que foi eleito melhor roteiro, “Ainda Estou Aqui” também se beneficia do poder de suas estrelas, Torres e Selton Mello, que emplacou uma dobradinha de sucessos na virada

do ano, com “O Auto da Compadecida 2”, e também vive um pico de popularidade.

E se a temática da ditadura poderia ser um empecilho para o filme ser abraçado amplamente, num Brasil com uma parcela de extrema direita saudosista, a escolha de Salles por diminuir a voltagem política do drama o ajudou a superar, com muita folga, outros longas recentes identificados com a esquerda. “Marighella”, por exemplo, tinha Wagner Moura na direção e Seu Jorge como protagonista, mas adotou um tom de confronto que gerou boicotes e protestos. O saldo foi de 308 mil espectadores divididos por 12 mil sessões em 166 cidades.

### Bom desempenho

“Ainda Estou Aqui” teve bom desempenho geral, mesmo em cidades com grande expressão de voto no ex-presidente Jair Bolsonaro. Não é possível aferir a posição política do público, que pode ter sido majoritariamente ligado à esquerda, mas o ensaio de boicote ao longa por parte de perfis de direita não impediu seu êxito em redutos bolsonaristas como as catarinenses Joinville e Balneário Camboriú que tiveram “Ainda Estou Aqui” como campeão nacional de público em 2024 e, até aqui, também em 2025.

Já as cidades que registraram maior público para o filme de forma proporcional à sua população, ignorada a possibilidade de uma mesma pessoa ver o filme mais de uma vez, foram São Caetano do Sul (SP), com uma estimativa de 14% da população como espectadora, seguida de Niterói (RJ), com 13%; Votorantim (SP), com 12%; Balneário Camboriú e Porto Alegre, com 11,6% cada, e Florianópolis, com 10%.

# Martinho da Vila é abre-alas para álbum de Francis Hime

Single com a participação de Simone é a primeira canção divulgada do disco que o compositor lança este ano

Por **Affonso Nunes**

O primeiro single do novo álbum de Francis Hime já está disponível nas plataformas. Gravado ao longo de 2024, o projeto traz canções inéditas compostas por Francis em colaboração com diversos parceiros, sendo “Samba pra Martinho” a escolhida para apresentar o disco. A música integra a mais recente safra do compositor, como ele mesmo descreve. “Compus a melodia, e a letra é de Geraldo Carneiro e Olivia Hime. Inicialmente, a ideia era que a canção participasse de um concurso de escola de samba em 2024, mas perdemos o prazo de inscrição e decidimos gravá-la neste álbum”, revela Francis.

“Samba pra Martinho” é um samba-exaltação ao grande compositor Martinho da Vila e conta com a participação es-



Divulgação

pecial da cantora Simone, uma das muitas presenças ilustres do disco. Sobre a colaboração, Francis explica: “Escolhi Simone não apenas pela sua grande competência na interpretação de sambas, mas também pela sua forte ligação com Martinho, que inclusive dedicou um disco inteiro a ele”.

O novo álbum de Francis terá o título “Não Navego para Chegar”, o mesmo da parceria com Maurício Carrilho, com letra de Olivia Hime, e que contou com a participação de

**Francis Hime e Simone nos bastidores da gravação da faixa. A escolha da cantora, explica o músico, se deu por sua vocação para interpretar sambas**

Mônica Salmaso nos vocais. Além de Simone e Salmaso, o disco traz expressiva lista de convidados, entre eles Ivan Lins, Zélia Duncan, Dori Caymmi, Olivia Hime, Lenine, Leila Pinheiro, Zé Renato e o Quarteto Maogani. “Este álbum é uma celebração de encontros, uma homenagem aos parceiros e cantores de quem sou fã incondicional. Ele remete a outros trabalhos meus, com a particularidade de conter apenas músicas inéditas, fruto de várias parcerias”, diz o maestro.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Vozes do Nordeste

Com EP saindo do forno, Juliette divulga mais duas faixas do trabalho, com lançamento previsto para abril. São elas “Me Pega”, em parceria com as bandas Attooxá e Psirico; e “Eu vou aí”, dueto com o cantor Henry Freitas. “Esse trabalho está muito com a minha cara. Eu me senti muito confortável durante o processo criativo e estava empolgada nos dias de estúdio. As coisas se encaixaram, sabe? A ideia é misturar os ritmos com esse time de peso com quem fiz as parcerias. É um encontro de vozes do Nordeste”, diz a ex-BBB.

Divulgação



### Expansão artística

Com nove álbuns já lançados na bagagem, Fabio Brazza construiu uma trajetória marcada pelo equilíbrio entre improviso, poesia e composição e tornou-se um dos artistas mais versáteis da cena, transitando entre o rap e a música popular brasileira. Agora, em um momento de expansão artística, Brazza prepara o lançamento de “A Roda, A Rima, O Riso e a Reza”, um álbum que amplia seus horizontes musicais sem perder sua essência. O primeiro passo dessa nova fase é “Sonhos”, single que chega às plataformas com participação especial de Criolo.



Divulgação

### Beat carnavalesco

Os Quebradeiras prometem colocar todo mundo para dançar com o lançamento de seu novo single, “No Quadrado”. O beat ficou por conta do produtor musical MachadeZ, responsável por diversos hits em parceria com o grupo, como “Na Rebolada” e “Pagodão do Birimbola”. “A gente sempre busca trazer alegria e movimento com as nossas músicas. ‘No Quadrado’ é a nossa forma de celebrar o verão, o Carnaval e todo mundo que curte dançar junto com a gente”, declara LC Quebradeira, integrante do grupo, conhecido por coreografias que bombam nas redes sociais.

# Paulo-Roberto Andel

## Carlos, o eterno vigilante

Falecido na segunda-feira passada na longevidade dos 91 anos, o policial rodoviário aposentado Carlos Miranda causou comoção e saudade em muitos brasileiros que, ao contrário do que determina a máxima de mestre Ivan Lessa (“A cada quinze anos os brasileiros se esquecem do que aconteceu nos últimos quinze anos”), mostraram verdadeira fidelidade a um ídolo seis décadas depois de seu principal trabalho artístico.

Entre 1962 e 1963, ao lado de seu eterno cachorro Lobo, Carlos Miranda se consagrou como o primeiro herói genuinamente brasileiro da nossa televisão interpretando o “Vigilante Rodoviário”, um sucesso estrondoso na TV Tupi. Importante dizer que, tal como



Carlos Miranda

muitos de seus colegas, Carlos já vinha de uma longa batalha por um lugar ao sol desde os quinze anos de idade, quando começou cantando no circo e a seguir frequentando os grupos de teatro popular do Sesi. Também trabalhou nos estúdios da Companhia Cinematográfica Maristela, de onde saíram os equipamentos para a montagem do primeiro estúdio de dublagem de filmes estrangeiros no país. E “Vigilante Rodoviário” não ficou para trás: foi o primeiro seriado filmado com película de cinema no Brasil. Tome pioneirismo. Até os veículos não escaparam da fama eterna: a moto Harley Davidson e o carro Simca Chambord utilizados por Carlos no seriado viraram febre

de colecionismo entre os fãs.

Para o papel que consagraria sua carreira artística para sempre, Carlos Miranda precisou fazer uma preparação intensa de modo a se mostrar convincente no papel de galã policial das estradas. Assim, passou a treinar regularmente na Escola de Polícia Rodoviária localizada na cidade de Jundiaí, SP. E aí aconteceria uma guinada definitiva na vida de Carlos: o sucesso da série não garantiu uma longa continuidade do trabalho - foram 38 episódios de 22 minutos cada,

Reprodução

finalizados em 1963. Após o encerramento dos trabalhos na TV Tupi, o ator foi convidado pelo então comandante geral da Força Pública - e também general de Exército -, João Franco Pontes a ingressar na carreira policial. A vida imitou a arte e Carlos seguiu na Polícia Rodoviária até 1998, quando foi reformado com o posto de Tenente Coronel.

De toda forma, Carlos Miranda jamais aposentou o Vigilante: participava de eventos, festas e acontecimentos ligados ao personagem. Volta e meia era visto com sua farda da corporação. Ídolo dos anos 1960, manteve-se no imaginário de várias gerações, tanto pela força da obra televisiva quanto porque a série de TV ganhou reações, sendo a mais recente na TV Brasil, trazendo novamente à tona uma das figuras mais marcantes e devotadas da televisão brasileira em todos os tempos.

## CRÍTICA / DISCO / EDU PIFE

Marian Starosta/Divulgação



Os integrantes do Pife Muderno com Edu Lobo nos bastidores da gravação de ‘Edu Pife’, que conta com a participação do cantor e compositor em três faixas

# Brasilidade na veia

Por Aquiles Rique Reis\*

**H**oje falaremos sobre “Edu Pife” (Biscoito Fino), álbum recém-lançado por Carlos Malta e Pife Muderno para celebrar a obra de Edu Lobo. Seguindo sua carreira de multi-instrumentista arrojado, Malta criou, há trinta anos, o Pife Muderno, grupo que tem a sua cara, sem barreiras estéticas. Tudo a partir de uma formação extraordinária: dois flautistas (ele próprio e Andrea Ernest Dias) e quatro percussionistas que têm em si a força do toque, Marcos Suzano, Bernardo Aguiar, Durval Pereira e Fofó Black, recém-chegado no grupo.

Sabe-se hoje que desde os sete anos de idade Malta encantava-se com a obra de Lobo, ao vê-lo no III Festival da TV Record de 1967 cantando “Ponteio”, ao lado do Quarteto Novo, Marí-



Divulgação

lia Medalha e do grupo vocal Momento 4. Emocionou-se ao ver resumida numa só canção a essência da cultura popular nordestina - e não era pra menos.

Foi a partir desta concepção musical que Malta foi à discografia de Edu Lobo. Reouviu tudo, desde o primeiro compacto lançado em 1962 (quando Edu tinha 19 anos), para, enfim, conceber a direção musical e os arranjos para a refinada obra de Edu, plena da diversidade de gêneros da música popular brasileira: sambas, frevos, canções e

baiões.

Mas e Edu? O que mais dizer sobre ele? Bem, modestamente, certa vez eu escrevi: “Eduardo de Góes Lobo não crê em inspiração. Crê em dedicação. Entusiasmo cotidiano na elaboração de músicas para teatro, trilhas para cinema, temas para balé. Nisso tudo e apenas nisso, Edu Lobo, um artesão de harmonias, crê”.

Para interpretar os arranjos que escreveu para treze músicas de Edu Lobo (em doze faixas), sempre com o som único do pife, numa autêntica versão Brasil na veia, Carlos Malta e Pife Muderno deram conta de recriar boa parte do repertório de Edu. E assim vieram “Abertura do Circo”, só de Edu, passando por “Uma Vez Um Caso” (dele e Cacaso) e “Viola Fora de Moda” (dele e Capinam), indo a “Lero-Lero” (dele e Cacaso), até fechar a tampa com outra só dele: “Bate-Boca”, e três parcerias com Chico Buarque: “A História de Lilly Braun”, “Na Carreira” e “Frevô Diabo”.

As participações especiais adicionaram molho insuperável às músicas. Em alguns arranjos, Malta contou com a voz de Edu em duos e vocalises com o cantor Matu Miranda, como em “Zanzibar” (Edu Lobo Editora) e “Água Verde” (Edu e Ruy Guerra), e das duas vozes somadas a Hermeto Pascoal, em “Casa Forte” (Edu). Hermeto ainda tocou percussão corporal, escaleta e voz no copo em “Vento Bravo” (Edu e Paulo César Pinheiro); assim como o violoncelo de Jacques Morelenbaum brilhou em “Repente” (Edu e Capinan).

“Edu Pife” se tornou uma obra de referência do trabalho de Edu Lobo. Ao juntar sua visão musical e orquestral à de Edu, o trabalho de Carlos Malta e Pife Muderno acrescentou-lhe brasilidade, enriquecendo ainda mais a obra já arrebatadora de Edu Lobo. Ouça o álbum em <https://acesse.one/VG8s8>.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

CRÍTICA / GASTRONOMIA / BOUTIQUE DO MAR

# Um cantinho à beira mar

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Vai-se andando preocupado, o calor que não acaba, sol que mudou, uma vontade de estar em uma praia, comer camarão frito, um bolinho de bacalhau, se sentir na Espanha, comer um arroz daqueles. Ou em Taormina.... Ai, encontramos a Boutique do Mar, longe do agitação encalorada do Baixo Gávea. Um bistrô de mar, com cerveja geladíssima, o suficiente para acomodar pequenos grupos, para conversas intermináveis.

Estão lá Márcio Dantas, o chef, um carioca, morador do Horto, com horta em casa, criado e crescido nos melhores restaurantes espanhóis e sua mulher Rita Davi, chef confeiteira, mas que cuida de cada um como amigos de longa data. Márcio cuida do pei-

xe, da fritura, das misturas, dos acompanhamentos de forma absoluta criativa, entrega super diferenciada, o que chamamos de cozinha do mercado. A disponibilidade dos ingredientes é que dita o cardápio, mudado diariamente, escrito no quadro-negro.

Fomos eu e Fernando, meu amigo dos equilíbrios, posto que é homeopata dos melhores. Uma sucessão de perfeições e delícias que Márcio foi nos servindo. Começamos com as ostras, vieiras, bolinhos de bacalhau. Pensamos em repetir infinitamente. Mas e a disposição?

As ostras frescas servidas como se deve; apenas com o toque cítrico do limão. As vieiras grelhadas são macias por dentro e levemente caramelizadas por fora, com manteiga e ervas para destacar o sabor.



Divulgação

ração acompanhado por frutos do mar suculentos que complementam a experiência.

O polvo com batatas bravas, servido em porções generosas e o carro chefe da casa o arroz negro, cozido em tinta de lula nos traz os ventos e o sabor do mar, complementado pelos frutos do mar daqueles que parecem ter sido pescados e ido direto para a prepa-

## SERVIÇO

BOUTIQUE DO MAR

Praça Santos Dumont 6B

De quarta a domingo (12h às 18h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Sabor da estação

A Capri é a pizza sazonal mais leve e fresca que a Oficina Local já fez. Levava abobrinha (agora grelhada na manteiga de sálvia), muçarela fior di latte da Fazenda Vermelha, queijo de cabra da Capril DeVille, hortelã e limão-siciliano e o premiado queijo Primeira Estação, da Tróço Bom Roceria, bem mais intenso que parmesão tradicional, com uma finalização especial com bottarga da Bottarga Gold –conhecida como o caviar brasileiro, que Guilardo Rocha, o pizzaiolo e fundador considera que há um umami especial.

Divulgação



Divulgação

### Novos drinks

Este Carnaval, o Kinjo, restaurante nikkei do chef Marco Espinoza, em Copacabana, prepara uma experiência única para os amantes de drinks. De 26 de fevereiro a 23 de março, estará disponível uma Tábua de Degustação Especial de Carnaval com 4 drinks exclusivos (R\$ 69), inspirados em blocos carnavalescos, para você se divertir e celebrar a folia de um jeito especial. Cada drink, criado pelo barman da casa José Flores, traz uma explosão de sabores e uma homenagem às festas que embalam o Brasil, com muito sabor e diversão inclui o delicioso do cardápio.



Divulgação

### Tapioca premium

A Tapi Tapioca & Açaí, marca carioca com 10 anos de vida e unidades no Rio e em São Paulo, crava sua 11ª unidade no coração da Tijuca, na Rua Uruguai. A novidade também é que agora os sucessos da rede poderão ser levados para casa, como a granola, a farofinha três castanhas brasileiras e a pipoquinha de tapioca (apelido carinhoso da farinha de tapioca). Alegria pura para quem já conhece esses toppings do açaí do tipo especial (com maior concentração do fruto do que estamos acostumados aqui) e adoçado somente com melado de cana e banana.



**Rio 50°C**  
à sombra

